



MAMULENGO NA PRAÇA



Mamulengo na Praça **“Solteira sim, sozinha nunca”**

Gênero: Animação - Teatro de Bonecos

Texto e Direção: Ricardo Salem

Orientação: José Edvan (Mestre Bila) e Edjane Maria (Mestre Titinha)

Museu do Mamulengo de Glória de Goitá - PE

Elenco: Cibele Tomaz, Ricardo Salem e Talita Carolina

Adereços e Figurinos: Ricardo Salem

Sonorização: Cibele Tomaz

Fotografias: Acervo do Grupo e Dani Gomes (registros de Araruama - RJ)

Intérprete de Libras: Marta Filomena

Iluminação: Renan Francelino

Gravação e Edição: Na Rua Produções

Produção: Ricardo Salem

Livreto, edição e editoração: Ricardo Salem

Direitos autorais

O conteúdo e seus direitos são reservados ao autor que solicita ser consultado quanto a copiar/reproduzir o conteúdo em sites, blogs, jornais, vídeos ou outros veículos de distribuição e mídias. Esse arquivo não pode ser comercializado por terceiros.

O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva do autor e do proponente. Não representa a opinião dos membros do Conselho Gestor do Fundo Municipal de Cultura ou da Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

RECORTES DO TEATRO DE MAMULENGOS

Conhecido como Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, o Mamulengo, em Pernambuco e no Distrito Federal, recebe diversos nomes pelo Brasil: Babau, João Redondo, Calunga, Cassimiro Coco... A brincadeira, como é chamada a apresentação de Mamulengo, é um ofício repassado oralmente, por convívio familiar ou de mestre para aprendiz e desde seu nascimento se espalhou por diversas países do mundo e regiões no Brasil, popularizando o boneco nordestino também no Estado de São Paulo.

Por tecer uma linguagem “escrachada” diferente dos meios acadêmicos o mamulengo ainda é segregado em alguns espaços, muitas vezes não reconhecido como manifestação artística popular. Somente em 2015 o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural aprovou o pedido de registro do boneco como patrimônio imaterial do Brasil tombado pelo *Iphan - Instituto do Patrimônio Nacional Histórico e Artístico*.

É difícil especificar o ano de surgimento do mamulengo, mas estudos e pesquisas apontam que o boneco chegou ao Brasil com os portugueses

jesuítas, no intuito de catequizar os índios. Dentre várias versões sobre a origem há também a memória que o boneco surgiu nas senzalas, onde o povo negro escravizado se reinventava para contar histórias de libertação, a partir de bonecos esculpidos em madeira. Era a dor transformada em alegria. De todo modo, o mamulengo se difundiu em Pernambuco em praça pública como uma “brincadeira” para tratar de assuntos sérios ligados as minorias. O mamulengo retrata a realidade a partir da inversão cômica e de valores com total liberdade de expressão. A criação dos personagens trabalha com arquétipos pré-estabelecidos com foco em figuras populares da nossa sociedade e autoridades, como Padres, Militares, Velhos Pudicos, Donzelas, mulheres solteiras, a figura do malandro, além de personagens míticos: como Demônio, o Preto Velho, a Virgem Maria, a Cobra grande, entre outros personagens presentes no imaginário popular. Geralmente estes tipos populares são potencializados com a busca de um corpo cênico grotesco, que segundo Bakhtin (1993) para entender o grotesco é necessário mergulhar na cultura cômica popular, nas suas inversões de sentidos e no rebaixamento, onde o terrível torna-se risível. O riso grotesco liberta das

idéias dominantes e, ao penetrar nesse mundo de inversões, o indivíduo também liberta a sua imaginação.

A personagem no teatro de mamulengos tem inspiração direta na Comédia Dell Arte, uma linguagem teatral de gênero italiano criado na Idade Média na Europa no século XV; a partir de arquétipos com o uso de máscaras que caracterizam pessoas em destaque na sociedade a expressão era levada puramente para o corpo, primando pelo virtuosismo de movimentos, acrobacias e o exagero de expressões corporais, fato que popularizou a linguagem em toda Europa. As personagens eram divididas entre patrões, empregados e autoridades políticas e religiosas. Esse teatro difundiu-se por outros países e percorreu o mundo até o século XVII para mais tarde ser institucionalizado, a partir daí o teatro edificou-se, separando o público em frisas, balcões e camarotes.

Entre as personagens mais populares da Comédia Dell Arte estão o Arlequino e a Colombina, que no teatro de mamulengos podem ser o João Redondo e a Mariquinha; Assim como na Comédia Dell Arte o surgimento do Mamulengo em Pernambuco passa a reunir pequenas multidões em

suas apresentações, que são realizadas em feiras livres, praças e festas populares, a partir daí o boneco migrou para outras regiões do Brasil e passa a ser a voz representante do povo; seus espetáculos baseiam-se no jogo de improvisação livre do ator “mamulengueiro”, com o público tendo sempre a crítica social como motor de sua ação.

Somente em março de 2015 o boneco foi reconhecido como patrimônio imaterial do Brasil pelo *Instituto do Patrimônio Nacional Histórico e Artístico (Iphan)*. Os nomes mudam pelo Nordeste do País: Babau (Paraíba), João Redondo (Rio Grande do Norte), ou mesmo, Casimiro Coco (Ceará).

Vale destacar que o mamulengo tem uma dicotomia entre ser fantoche e marionete, ambos tem semelhanças, mas com funções muito distintas. Fantoche é utilizado como uma luva, a qual você veste o personagem na mão, já à marionete é utilizado com cordas. Mamulengo é basicamente uma mistura da marionete com o fantoche, e esse nome é derivado de mão molenga, porque para usar o mamulengo tem que deixar a mão leve

Em seu livro Hermilo Borba Filho contextualiza a origem da palavra marionete, e explica os diferentes tipos de bonecos a partir desta técnica:

A palavra marionette vem de Marion, diminutivo de Marie, pequena figura de madeira ou de papelão que uma pessoa colocada atrás, de uma empanada faz mover com a ajuda de fios, das mãos ou de molas. Esta é a definição do Larousse para o nome genérico dos bonecos que representam uma ação dramática e que já entrou em nosso vocabulário sob a designação de marionete.

Será preferível, do ponto de vista teatral, adotarmos a definição de Jacques Chesnais: “Personagem de madeira, de pedra, de papelão ou de pano, animado, participando de uma ação dramática”.

Nem todas as marionetes são iguais e de acordo com a sua própria natureza tomam os mais diferentes nomes. Assim:

-a de luva - é um boneco de cabeça de madeira, de massa ou de papelão, montado num camisolão de pano. Seu movimento é produzido pela mão: o dedo indicador introduz-se na cabeça e os dedos polegar e médio nos braços;

-a de vareta - boneco de madeira ou de outro material qualquer, articulado e movimentado por varetas;

-a de teclado - manejada por uma haste que lhe segura a cabeça. O movimento se processa por meio de teclas que orientam cordéis ligados aos braços e às pernas;

-a dobrada - montada sobre uma tábua, podendo dobrar-se em diferentes sentidos e reencontrando sua posição primitiva por meio de elásticos ou molas;

-a de haste - suspensa numa haste de metal que parte da cabeça da marionete para ir até a mão do manipulador. Pode ter fios para os braços e as pernas;

-a de fio - os fios são ligados a uma pequena construção de madeira -o controle - que permite ao manipulador movimentar o personagem.

(HERMILO BORBA FILHO, 1966, p. 3 e 4).

Posto isto, é importante salientar que o projeto “Mamulengo na Praça” nasceu do desejo em circular com o espetáculo “Solteira sim, sozinha nunca” promovendo uma ação cultural em praças e parques públicos, popularizando o boneco mamulengo.

O projeto busca balizar o teatro de mamulengos, que é muito presente no Estado de São Paulo. Como ator e também pesquisador da linguagem, pude constatar a dificuldade em difundir a expressividade do mamulengo pela incompreensão da linguagem que facilmente é rotulada como misógina, racista, xenofóbica e homofóbica. Em geral os roteiros deboçam das instituições – família, igreja e política, apresentando personagens com comportamentos contraditórios como, mulheres submissas, viúvas e padres lascivos, políticos e policiais corruptos, além de personagens míticos, como a morte e o demônio.

Essa característica faz com que o boneco, fora do seu território de origem, seja mal compreendido e achincalhado por inverter o “politicamente correto”, sobretudo para crianças. Entretanto, o boneco vem passando por revisões tanto nos roteiros, como nas ações das personagens, mas ainda gera o debate sobre manter a tradição do jogo agressivo difundida pelos mestres mamulengueiros em contraponto com as novas urgências em nossa sociedade.

Esse dilema levou à escolha do tema “Intolerâncias sociais e a liberdade da

mulher” a partir do espetáculo “Solteira sim, sozinha nunca”, para propor novos olhares que dão corpo ao projeto, como foco na extensão dos trabalhos realizados pelo coletivo.

Em 2019 o elenco fez um intercâmbio de cinco (5) dias no *Museu do Mamulengo em Gloria de Goitá-PE* - para oficinas de aprimoramento técnico com mestres e mestras do projeto “Mamulengo Nova Geração”, que busca dialogar sobre a resistência e modernização do mamulengo frente as novas demandas sociais, a partir da nova geração de brincantes que vem surgindo em Pernambuco, com a transmissão de saberes nos núcleos familiares, além de aprendizes nas oficinas realizadas no Museu do Mamulengo. Este encontro foi um acontecimento importante no Grupo Teatro do Improvado, porque além do contato direto com pessoas que vieram do berço do mamulengo, proporcionou vivenciar a cultura, os hábitos locais e acompanhar o trabalho realizado pelos mestres Bel Lopes, Bila, Paulo dos oito baixos e mestra Titinha.

Os atores puderam confeccionar mamulengos com madeira mulungu, conhecer as diferentes estruturas de empanada, os tipos e mecânicas de ma-

mulengos , acompanhar apresentações e visitas guiadas dentro do Museu de Glória de Goita, estendendo essa visita técnica no Museu do Mamulengo em Olinda – PE.

Nessa imersão o grupo também levou o espetáculo “Solteira sim, sozinha nunca” para dentro do Museu; Sob orientação do mestre Bila e da Mestra Titinha, os atores Ricardo Salem, Cibele Tomaz e Talita Carolina receberam orientações valiosas sobre manipulação, jogo e dramaturgia, que serviram como estímulo para continuidade das pesquisas iniciadas pelo grupo.

Os apontamentos atestaram que embora o mamulengo possua uma tradição, é necessário quebrar as amarras a que muitos grupos se prendem, por interpretarem a tradição do boneco como legado em reproduzir e normalizar atitudes desiguais e preconceituosas. Essa desconstrução não só é necessária, como vem sendo realizada nos projetos artísticos e pedagógicos no Museu de Mamulengos de Glória de Goitá, para formação de novas gerações de brincantes.



SOBRE O PROJETO "MAMULENGO NA PRAÇA"

Originalmente o projeto “Mamulengo Na Praça” tem como concepção o “teatro de rua e o teatro de mamulengos”, (Teatro de Bonecos Popular do Nordeste) como linhas de pesquisa. O projeto objetiva popularizar o teatro de mamulengos, a partir de ações presenciais e virtuais, promovendo a livre circulação com parte do conteúdo online, a fim de potencializar a relevância do boneco mamulengo como expoente da cultura nordestina presente no Estado de São Paulo.

A dramaturgia é assinada por Ricardo Salem, a partir de um trabalho autoral resultado de pesquisas sobre roteiros tradicionais de mamulengos, tendo como referências o escritor nordestino Ariano Suassuna, e o pesquisador Hermilo Borba Filho, expoentes do teatro de mamulengo. Ambos registraram roteiros tradicionais a partir da convivência e do contato com mestres do mamulengo.

Em geral esses registros são compilações que resultaram em roteiros e textos transcritos, como “Torturas de um Coração” de Ariano Suassuna em 1951; o texto surgiu do contato que Ariano teve com alguns mestres mamulengueiros em sua cidade natal, Taperá (PB). Desse encontro e das memórias

de sua infância, Ariano Suassuna escreveu seu primeiro e único texto para mamulengo, uma história de amor e paixão envolvendo os personagens típicos do teatro mamulengo. Como na Comédia Dell'Arte, o texto recorre a uma trama amorosa entre o esperto negrinho Benedito, o valentão Vincentão, o meganha Cabo Setenta e o metido a galã Afonso Cabeleira, que vivem em pé de guerra disputando a bela Marieta, a mulher mais cobiçada da cidade.

Recheado de piadas misóginas e racistas, (para os tempos atuais), o texto nos prende pela dinamicidade do jogo e o fator que aproxima o boneco mamulengo das ações humanas.

Hermilo Borba Filho, em sua pesquisa que resultou no livro “A Fisionomia e Espírito do Mamulengo” publicado em 1966 cita a magia que o boneco nos provoca desde a primeira infância até a vida adulta, sua colocação lúcida como o boneco e o teatro de bonecos impacta na vida daquele que tem contato com esse “ser” inanimado, que a partir do jogo da manipulação e da imaginação adquire vida própria:

O BONECO TEM UMA VIDA. É uma transferência na infância e uma fixação na idade madura. A boneca de pano pode ser tudo: desde a filha à mãe, desde a comadre à irmã, amiga ou inimiga. O boneco é um ser misterioso, feito, às vezes, à nossa imagem e semelhança, mas de qualquer modo um ente à parte em torno do qual podemos construir um mundo. É também um ser arbitrário e poético. Isto o simples boneco mudo, manejável de acordo com as nossas forças. O boneco visto no espetáculo transforma-se de ser passivo, dependente, obediente às nossas mãos, numa criatura de vida própria e atuante, porque, em nossa condição de espectadores, colocamo-nos em face do inesperado. Toda arte é uma surpresa. (HERMILO BORBA FILHO - INTRODUÇÃO, 1966)

Posto isto, o projeto “Mamulengo na Praça” trabalha o tema guarda-chuva calçado nas “intolerâncias sociais”, abordando sub-temas inerentes em nossa sociedade como: As relações de trabalho, o déficit educacional, o machismo estrutural, o preconceito social e racial, xenofobia, misoginia e a desigualdade entre gêneros. A ideia é que o roteiro mimetize o jogo cênico do mamulengo, que prima pela dança, a música e a destreza exigida na “brincadeira”, refletindo sobre os temas levantados para o espetáculo.

Talvez numa primeira leitura esse resultado pareça vago ou impossível de ser alcançado, mas vale lembrar que o mamulengo nasce da necessidade em falar das urgências de um povo que sempre vive a margem social; o boneco

nasce em praça pública por meio de um jogo coreografado de improvisos, com temas chaves que vão se costurando em tramas cômicas que trabalham com o espelhamento do homem do povo, fator que gera empatia e identificação com o público.

A dramaturgia do espetáculo “Solteira sim, sozinha nunca” conta com contribuições das atrizes Cibele Tomaz e Carolina Carol. Como metodologia de trabalho o grupo parte do canovaccio (roteiro de ações sobre o qual o elenco improvisa), tecendo contextos preliminares sobre o problema e aprofundando temas que geram oportunidades de criação. No processo de imersão proposto pela direção, elimina-se a separação entre atores e bonecos; o mamulengo assume o protagonismo e o jogo com o público, por isso mostra-se potente enquanto viés de comunicabilidade com o espectador.

Embora o mamulengo seja fruto de uma brincadeira que prima pela crítica com viés político e social, é também uma linguagem que nasceu numa época na qual era natural satirizar as minorias como, negros, pobres, trabalhadores braçais e a mulher, no papel de subserviente ao gênero masculino.

Como resultado dessa característica inúmeros roteiros são incompreendidos no atual contexto normativo - “politicamente correto” subjugando os roteiros como machistas, misóginos e racistas, deslegitimando a importância do mamulengo como ferramenta de crítica social. Ainda sim, é preciso compreender o mamulengo como uma tradição, um jogo entre boneco, ator e público, que propõe a inversão de valores para ressaltar as desigualdades sociais.

É muito importante também salientar que o projeto “Mamulengo na Praça” não pretende reproduzir essa imagem estigmatizada do boneco mamulengo, mas compreender como ele nasce e se forma a partir de demandas sociais. Posto isto, é preciso compreender que o mamulengo “descortina” o que há por de trás de muitos pensamentos conservadores, oriundos do processo de colonização e dominação, no qual ganha quem tem mais poder e brinca com as instituições família, religião e política.

Neste sentido, o jogo com o mamulengo é incompreendido e passa por diversos julgamentos. Ficando seu entendimento restrito aos estudiosos da linguagem no meio acadêmico ou a população genuinamente nordestina.

Com muita dificuldade esse discernimento chega a outros Estados, como a população de São Paulo e Vale do Paraíba. Por este motivo, o projeto vê a importância de representar este boneco com base em pesquisadores e mestres do mamulengo, relacionando com a nova geração de brincantes que surge com a atualização do boneco e sua dramaturgia, frente a mudança de políticas públicas e de comportamento em nossa sociedade.

Em decorrência da pandemia pelo covid 19 e do cancelamento de apresentações artísticas, o projeto “Mamulengo na Praça” foi adaptado para as plataformas virtuais. Com isso nossas apresentações previstas em praças e parques foram migradas para o formato virtual.

PROJETO VIRTUAL

Com a pandemia pelo Covid19 em março de 2020, muitos grupos adaptaram e migraram seus trabalhos para o formato online. No campo da animação o mamulengo também vem ganhando espaço nas plataformas virtuais, isso possibilita mostrar o trabalho de mestres, mestras e aprendizes a novos públicos que passaram a conhecer o mamulengo como um exímio boneco comunicador de grandes massas.



Dani Majoub, Ricardo Salem e Flávia D'ávila

A PICADA DO MAMULENGO, COMO TUDO COMEÇOU

O encontro do Grupo Teatro do Imprevisto com o mamulengo aconteceu durante a oficina “Teatro de Animação: Confecção, Direção e Dramaturgia”, realizada entre abril a agosto de 2010 na *SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes e do Palco*, sob coordenação de Luiz André Cherubini, do *Grupo Sobrevento de SP*.

Na oficina os atores Ricardo Salem e Flávia D’ávila tiveram contato com as técnicas do teatro de papel e o teatro de mamulengos, considerando o teatro de fantoches. Durante as aulas os aprendizes criaram pequenos bonecos, escreveram roteiros e executaram pequenas montagens que serviram como disparadores para criação de um núcleo pesquisa em teatro de animação no GTI.

Ao final da oficina os atores escreveram e criaram o espetáculo “O Casamento da Mulher Solteirona”, adaptado a partir de roteiros tradicionais. O resultado foi um espetáculo que contava a história da boneca Maricota e sua saga em busca de um marido, porém, por um acidente encontrava o Diabo como pretendente.

Para este trabalho foi convidada a atriz Daniele Majoub, que no papel de

Maricota se revezava com Ricardo Salem atrás da empanada, enquanto Flávia D'ávila fazia o Mateus e também tocava instrumentos para sonorização do espetáculo.

Em 2011, antes mesmo de circular por São José dos Campos, o trabalho fez estreia internacional no Chile pelas cidades de Santiago, Valparaíso e Rancaguá . O feito aconteceu em decorrência de um pacote de viagens que Ricardo e Daniele compraram com mais três amigos, e que no final só restaram a dupla.

Sem roteiro definido, ambos resolveram adaptar o texto do espetáculo para o espanhol e fechar parcerias para circular com o trabalho durante a viagem. Sem dominar o espanhol fluente, os atores receberam consultoria de uma amiga Chilena, que traduziu e adaptou o texto para um “portunhol” mais fluente, enquanto Ricardo Salem entrou em contato com o Consulado Brasil-Chile e com a *Cia de Teatro Oani*, que havia conhecido durante o curso na SP Escola de Teatro.

Em julho de 2011 a dupla partiu para Santiago. A temperatura era abaixo de zero e durante dez dias os atores realizaram quatro apresentações circu-

lando por três cidades em terras chilenas.

A estreia aconteceu em 15 de julho no *Centro Cultural Brasil – Chile*. Sem ter muita experiência no jogo do mamulengo, Ricardo e Daniele adaptaram o texto do Mateus para o boneco Simão, que manipulado por Ricardo não saia de cena e jogava com o público e com a boneca Maricota.

“Ao olhar 10 anos atrás, vemos muitos erros e defeitos na apresentação de “O Casamento da Mulher Solteirona”. Mesmo assim foi uma apresentação que teve grande significado por cruzar terras valeparaibanas e nos lançar na capital Santiago para um público totalmente desconhecido, a começar pelo idioma”, lembra Ricardo Salem.

Os chilenos ficaram espantados com a violência do mamulengo e ao mesmo tempo extasiados com a forma de comunicação, o humor e o sarcasmo do boneco. Ao final, ainda envergonhados e limitados pelo idioma, os atores promoveram um bate-papo sobre as características do boneco, que no Chile tem grande semelhança com o Títere-fantoches, o Punch e o Guinhol, bonecos semelhantes ao mamulengo no Brasil.

De lá para cá, foram inúmeras apresentações e atualizações de roteiro, que

ao longo do tempo foi se moldando. A grande dificuldade dos atores era o dilema em entender a tradição do mamulengo como algo engessado, visto que a origem do boneco propõe um jogo mais ácido, recheado de preconceitos reforçados, piadas misóginas, machistas e homofóbicas; Herança de um tempo que em que isso era naturalizado.

Apesar das críticas sociais, esse reforço na encenação fazia do mamulengo encenado pelo GTI como algo incompreendido a medida que os valores eram mudados e debatidos, era preciso achar um caminho do meio.

Con la obra "O casamento da mulher solteirona"



■ La pareja de actores que dio vida a las marionetas.

Compañía brasileña de marionetas cautivó con su humor en la FAHU

La visita de la compañía cuenta con el apoyo del Centro Cultural Brasil Chile, de la Embajada de Brasil, y del área de portugués del Departamento de Lingüística y Literatura.

Texto, MIGUEL ÁNGEL GONZÁLEZ / Fotografías, MARCO AVILÉS



Una "solterona" que busca desesperadamente casarse. Su hermano y un cura, además de un cuarto e inesperado personaje, dieron vida a la obra de marionetas "O casamento da mulher solteirona", de la compañía brasileña Teatro do Improvito, que visitó ayer (18), la Facultad de Humanidades.

Con gran capacidad expresiva, lúdicas marionetas y música tradicional brasileña, la obra presentó, como es tradicional en la compañía, personajes y vivencias típicas del imaginario popular y callejero de Brasil. "Maricota", la protagonista solterona, no sólo cautivó con su simpatía y belleza, sino además por su permanente juego con el público.

La visita de la compañía fue organizada por el Centro Cultural Brasil Chile, y el área de portugués del Departamento de Lingüística y Literatura de nuestra Universidad.

Indicadores de hoy

UF: \$ 21.928,85 / Dólar: \$ 463,50 / UTM: \$38.441,00

Clima: Nublado 1° - 14° C



Índice UV/b: 2 Bajo

FUENTE: LAB. DE ÓPTICA Y SEMICONDUCTORES DEPARTAMENTO DE FÍSICA USACH

www.usachaldia.cl

Matéria publicada no jornal interno da Universidade Brasil Chlle
Cobertura da apresentação do GTI

Títeres brasileños contaron sus aventuras en el Paseo Independencia

Julio 21, 2011 por alejandra sepulveda

Por: Flor Vásquez

Foto: Nico Carrasco



Danielle Muzegonty, Ricardo Verisimo, Sebastián Pardo, antes de presentar el espectáculo.

Un entretenido espectáculo de títeres presentó la tarde del martes, en el Paseo Independencia, la compañía de teatro Do Imprevisto, de Sao Paulo, Brasil. Ricardo Verisimo y Danielle Muzegonty son dos de los artistas de esa compañía, quienes con sus propios recursos decidieron realizar una gira por países de Sudamérica para dar a conocer su arte. Acompañados por sus títeres, marionetas, historias, cuentos y aventuras, llegaron a Chile, donde se presentaron en Santiago, Valparaíso y Rancagua. Aquí en la capital regional, contaron con el apoyo de la compañía de teatro municipal de Rancagua y otros grupos.

Dando voz y movimiento a los títeres, Ricardo y Danielle, en una mezcla de portugués y español, no tuvieron problemas para hacerse entender, logrando arrancar risas del público que en forma espontánea se juntó a disfrutar del espectáculo.

PINCHA ACA

TU

DIARIO DIGITAL



Artículos Recientes

- [Opera Rock "Sacrificio Heroico"](#)
- [Nicolás Larrondo y Federico Sardella ya ficharon: O'Higgins cerró sus contrataciones para el](#)



Dani Majoub, Ricardo Salem e Flávia D'ávila
Apresentação no Parque Santos Dumont em São José dos Campos

DESCOBERTAS E INCOMODOS

De volta ao Brasil, os atores passaram a circular com o espetáculo por parques, praças e também participar de mostras e festivais no Estado de São Paulo. O GTI também realizou viagens independentes com um projeto de circulação por Guarapari – ES e Porto Alegre – RS, além de cidades do litoral norte e Vale do Paraíba.

Com o passar do tempo o espetáculo ganhou ritmo, jogo e fluidez; Entre o elogio e a crítica, os atores perceberam que haviam um ruído entre acadêmicos e populares; Um lado entendia a linguagem do mamulengo pelos livros e registros históricos, o outro não detinha o conhecimento acadêmico, mas compreendia o contexto pontuado pelo boneco na prática do dia a dia. A exemplo disso, o grupo participou por dois anos consecutivos do *Festivale – Festival de Teatro de São José dos Campos*; Na primeira participação o júri e a crítica teceram elogios ao espetáculo “O casamento da mulher solteirona”, mas fizeram a ressalva que o grupo economizava na acidez do boneco, visto, que a tradição propunha um jogo mais combativo, com uso frequente de insultos (dadas as proporções), o famoso sem papas na língua. A partir dessa percepção, o elenco passou a investir mais na ver-

borragia e no duplo sentido do boneco. O resultado foi quase desastroso, no ano seguinte, quando outra banca de acadêmicos assistiu ao trabalho, rotulou o espetáculo como “pesado demais” para rua, mesmo “entendendo a tradição”.

Entre Gregos e Troianos restava ao GTI buscar uma identidade para “brincar” com o mamulengo, mas ao mesmo tempo informar ao público sobre a releitura feita pelos atores.

Conseqüentemente, com elenco predominantemente feminino, a maturidade na linguagem trouxe outros questionamentos, o principal foi sobre a mulher no teatro de mamulengos. No roteiro original a personagem Maricota, apesar ser apresentada como “mulher empoderada”, ainda estava subjugada e rotulada como ignorante e servil em relação aos personagens masculinos: Simão, Padre e Diabo. Além disso, a personagem buscava incessantemente um pretendente a marido para sentir-se uma mulher plena e aceita pela sociedade. Fator que não era concreto com a proposta do roteiro. Outro ponto que incomodou o grupo era a figura do Mateus, que interpretada pela atriz Cibele Tomaz em substituição a Flávia D’ávila, ainda tinha um papel de mera narradora, mas não trazia força ao espetáculo.



Dani Majoub, Ricardo Salem e Flávia D'ávila
Apresentação no Parque Santos Dumont em São José dos Campos



Dani Majoub, Ricardo Salem e Flávia D'ávila - Apresentação no Parque da Cidade de São José dos Campos





Dani Majoub, Ricardo Salem, Cibele Tomaz e George Furlan
Apresentação na Praça Afonso Pena em São José dos Campos



Dani Majoub, Ricardo Salem, Cibele Tomaz e George Furlan
Apresentação em São Bento do Sapucaí



Ricardo Salem, Cibeles Tomaz e Talita Carolina

IMERSÃO E O PONTO DE MUDANÇA

Em 2018 o GTI passou por nova formação no elenco, com a substituição da atriz Dani Majoub, por sua irmã, a atriz Talita Carolina. Neste período, o diretor Ricardo Salem fez ajustes no roteiro reformulando o posicionamento da boneca Maricota.

Nessa releitura, o roteiro propôs que a boneca de fato ressaltasse sua independência como mulher, rejeitando o casamento como condição para se reconhecer realizada e plena, por outro lado, o enredo propunha que Maricota sacrificasse sua liberdade em decorrência de uma promessa feita Virgem Maria, ofertando assim o que lhe era mais caro, a liberdade da “solteirisse”. Com o milagre concluído restava Maricota cumprir sua parte da promessa e buscar um pretendente a marido, daí a justificativa da solteirona querer se casar ficou mais plausível.

A segunda mudança foi a personagem Mateus, que interpretada pela atriz Cibele Tomaz, passou a se chamar Geoconda, uma empregada, que tem voz ativa e se torna cúmplice de Maricota durante a farsa. Mais do que ser uma narradora, Geoconda subverteu o Mateus numa releitura da personagem. Neste caso, a empregada, além de cúmplice da boneca, é também ativista e em diversos momentos milita em causa das mulheres e trabalha-

doras domésticas. Geoconda cresce a tal ponto no espetáculo que protagoniza momentos próprios acentuando o clímax da farsa.

“Me sentia incomodada em ficar à frente da empanada apenas esperando à minha hora de entrar. Falei com os meus parceiros de trabalho que precisava de um nome e uma história, foi então que surgiu o nome de Geoconda, uma mulher que milita pelas trabalhadoras domésticas e traz à graciosidade, inteligência e agilidade ao meu Mateus no Mamulengo. Um jogo no qual pude me encontrar como mulher e brincante”, explica Cibele Tomaz.

O diretor Ricardo Salem também incluiu um prólogo, feito entre o cortejo e a cena inicial, no qual o ator informa ao público que o presente espetáculo será uma brincadeira de bonecos mamulengos, utilizando da crítica social para transgredir pensamentos atrasados e conservadores.

Por último, houve a mudança no nome do espetáculo, ao invés de chamar “O Casamento da Mulher Solteirona”, o espetáculo passou a se chamar “Solteira sim, sozinha nunca”, como sinônimo de orgulho e empoderamento feminino. O novo roteiro passou a reunir elementos do mamulengo no diálogo com o público. O grupo não só cresceu em autonomia, como pas-

sou a ter mais segurança e prazer na brincadeira com o boneco, contemplando a tradição e atualizando o que já não era mais aceito ou causava um grande incômodo ao público.

No dia 04 de abril de 2019 o elenco formado por Cibele Tomaz, Talita Carolina e Ricardo Salem, viajou a Pernambuco, para o *Museu do Mamulengo* em Glória de Goitá - PE, para uma imersão de cinco dias em busca de aprimoramento técnico.

Os atores tiveram contato e com os Mestres Bila (José Edvan), Mestre Bel (Gilberto Lopes) e Mestra Titinha (Edjane Maria), por meio da *Associação de Mamulengueiros e Artesãos de Glória de Goitá*, com produção de Pablo Dantas.

Este intercâmbio a Pernambuco foi custeado com recursos do próprio elenco, e mostrou-se relevante para aprimoramento e estudo do trabalho desenvolvido. Os atores realizaram confecção de bonecos mamulengos com madeira mulungu, participaram de workshops musicais, além de receber orientações para o espetáculo “Solteira sim, sozinha nunca”.

Nas orientações Edjane Maria (Mestra Titinha), relatou que é necessário que as novas gerações de mamulengueiros e brincantes busquem atualizar o

mamulengo dentro da brincadeira e se permitam modernizar a linguagem, visto que o mamulengo é também um patrimônio cultural que necessita de manutenção para sua sobrevivência. *“O racismo e a violência vem do improviso do mestre e não diretamente do boneco”* explica Edjane.

Em seu depoimento aos atores, Titinha relatou os diversos projeto pedagógicos realizados para alunos das escolas públicas de Glória de Goitá, nas quais é de extrema importância a sensibilidade dos novos mestres em não ridicularizar minorias por sua cor, gênero ou classe social. Algo que ainda é caro aos mestres mais antigos e acadêmicos conservadores, mas que é uma missão para as novas gerações.

Suas falas também destacaram o desafio de equalizar o palavreado e as ações do boneco, visto que ele reproduz certas violências e que numa abordagem educativa isso pode motivar que alunos em formação também reproduzam um comportamento agressivo, como por exemplo o bullying escolar, a violência contra a mulher e a marginalização de pessoas mais pobres, elementos muito presentes nos roteiros tradicionais.

De olho nisso, o Museu tem se preocupado em revisitar a tradição e promover espetáculos que permitam o humor e a acidez, mas sempre equi-

librando as brincadeiras com a correção desses males, entendidos como tradição.

Titinha destacou ainda que a nova geração de brincantes está atenta a esse movimento, muito em vista das transformações sociais, dos debates sobre cor, gênero, sexualidade e do acesso a internet que permite a participação mais ativa dos jovens nos movimentos sociais.

Nesta imersão, os atores registraram por meio de fotos e vídeos parte dos acervos dos *Museus de Mamulengo de Glória de Goitá* e o *Museu Tiridá*, de Olinda, coletando impressões e documentando a importância e tradição do mamulengo como patrimônio cultural.

Este material gerado pelo ator e jornalista Ricardo Salem serviu como base para o acervo do grupo, para o fortalecimento do trabalho realizado com a montagem “Solteira sim, sozinha nunca” e para formulação deste livreto como registro de nossa caminhada na linguagem do mamulengo.



Atores com a Mestre Titinha e Mestre Bel Lopes no Museu do Mamulengo de Glória de Goitá - PE





Atores com a Mestra Titinha em orientação após apresentação de "Solteira sim, sozinha nunca"



Apresentação em Araruama - RJ





Apresentação em Araruama - RJ



www.teatrodoimprevisto.wixsite.com/grupo
www.facebook.com/grupoteatrodoimprevisto

O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva do autor e do proponente. Não representa a opinião dos membros do Conselho Gestor do Fundo Municipal de Cultura ou da Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

Produção



Financiamento



FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO



PREFEITURA
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS